

CRÓNICA

Masculina

LEY 19.841
1.º de Julio



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 6 — 12-I-1957

Director e Editor: RUI COSTA
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Composto e impresso
nas oficinas da E. N. P. (Anuário
Comercial de Portugal)

Todos os sábados



tes princípios da Moral.
não dos irracionais.

E só estes últimos, que nunca erram, podem exigir absoluto equilíbrio, que confundem muitas vezes com água morna.

Ou então são os profetas de baixa extração, com maior ou menor ornamento piloso a ensombrar um queixo raquítico, que pretendem arvorar-se em defensores de uma vivência que nem sempre praticam.

Dos nossos erros somos os primeiros a penitenciar-nos publicamente. Sômente exigimos que quem nos ataca o faça com real categoria, que não se acoberte a colunas fáceis.

Dirigir uma revista (ou uma revisteca) exige discernimento, e nãoção do que é pornográfico, para o evitar. Se uma vez ou outra incorremos num deslize, ninguém o lamenta mais do que nós, e com isso sofremos sinceramente. Quanto a idoneidade própria, falam por nós os anos dedicados a uma causa ingrata, falam por nós inúmeros sacrifícios.

Do mal, o menos. Aceitamos críticas e sugestões. Agradecemos boas vontades. Lamentamos erros cometidos. Simplesmente, existe uma camaradagem (ou devia existir) entre quem vive de esforços intelectuais. Para essa camaradagem apelamos, e dela necessitamos sinceramente.

Assinámos, tomámos responsabilidades, e retratámo-nos sempre que foi necessário, e sempre que a tal a nossa consciência se não opôs. Que quem nos ataca use da mesma franqueza e lealdade.

Muitas vezes, quando se comparam pergaminhos e provas prestadas, as conclusões são surpreendentes...

Infelizmente ainda há indivíduos que atiram pedras — e escandem a mão...

DE HOMEM PARA HOMEM TELHADOS DE VIDRO

E STAMOS desconfiados, e com razão! Até hoje, desde primeiro número, ainda não conseguimos conversar de homem para homem! Há sempre um ouvido indiscreto, uma gargalhada abafada, um sorriso comprometedor!

Francamente!, é tempo de acabarmos com isto!... Não é que nos aborresça este interesse feminino. Muito pelo contrário. Mas as coisas têm-se complicado, e não são apenas os indiscretos ouvidos femininos dos quais temos de nos acautelar!

É verdade que, numa vez por outra, cometemos gaffes, pequenos faltas que não chegam a abalar os alicerces do senso comum, e muito menos pretendem ferir os bem assensados. Mas, somos homens, e errar é próprio dos homens, que



CALVÁRIO DO GÊNIO

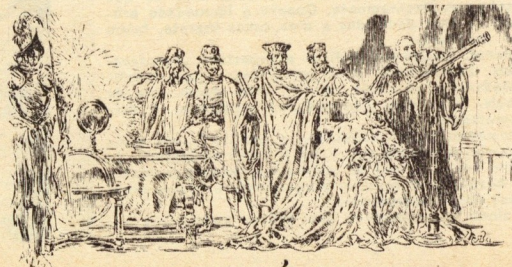
O descobrimento científico não deixou ainda de ser uma pesada cruz aos ombros dos homens, muitas vezes geniais, que têm engrandecido a humanidade com as suas pesquisas. É curioso notar o martírio de alguns desses homens, antigos e recentes, ao pretenderem demonstrar uma nova e acertada teoria.

NA ÉPOCA DO RENASCIMENTO

Todos conhecem o exemplo histórico de Galileu que, sob as «persuações» do Tribunal do Santo Ofício, teve de renunciar, ainda que com certas reservas, ao seu descobrimento da rotação da Terra. E não menos conhecida é, também, a tragédia de Cristóvão Colombo ao ter a ousadia de afirmar, perante os mais distintos cientistas da Universidade de Salamanca, que era possível alcançar as Índias navegando pelo ocidente. Os sábios olharam-no como a um louco fazendo esta irónica e, para nós, ridícula pergunta: — «Quererá dizer que, lá, se caminha com os pés para cima?!...»

UM PARADOXO

Quando Lavoisier descobriu, no ar, a existência de dois gases — o oxigénio e o azoto —, o mundo científico indignou-se extraordinariamente com tal «heresia» pois, através de mais de 2 mil anos, dominara o princípio de que os quatro elementos não eram susceptíveis de decomposição. Ora, o próprio Lavoisier, não conseguiu libertar-se de uma aberração semelhante ao opôr-se à teoria da resistência dos meteorólitos. Numa conferência académica procurou demonstrar o absurdo de crer que, do céu, podem precipitar-se sobre a superfície terrestre, pedras e outras coisas idênticas...



Um EXEMPLO DA IDADE MODERNA

No livro de Vladimiro Tatárinov «Luz Salvador», o autor relata a desconfiança com que foi aceite no meio médico, o facultativo Niels Fuisen, que havia descoberto o processo de curar muitas doenças mediante a aplicação dos raios solares. Quase se lhe fechou a sala de sessões da Sociedade Médica, dando-se-lhe a entender que as suas «fantasias» não tinham lugar, lá ou em qualquer outra parte do mundo. A última palavra coube à Suécia que, em 1904, homenageou as «fantasias» de Fuisen com o prémio Nobel...

EDISON E O GRAMOFONE

Camilo Flammarión conta que, em 11 de Março de 1878, estava presente na Sessão da Academia de Ciências francesa, onde o representante de Edison fez a demonstração do gramofone, recentemente inventado. Quando, após as explicações preliminares, o aparelho foi posto em movimento, o académico Bouilleau saltou da sua cadeira e, em altos gritos, apodou o representante do grande sábio de «vigarrista e falsificador», ensinuando que ele enganava a Academia com truques de ventríloquo. Passou meio ano. O gramofone continuava a funcionar em todo o mundo, e ainda Mr. Bouilleau mantinha a mesma opinião. Até chegou a fazer uma conferência para provar que se tratava de uns hábeis ventríloquos «porque não se pode nem deve admitir que um vil pedaço de metal oiça palavras na nobre linguagem humana?...

Era fácil referir muitos exemplos desta natureza. E todos eles mostrariam que o intelecto mais esclarecido e ilustrado resultaria infantilmente ingénuo perante a sabedoria do dia seguinte...



A VELHA LEGENDA DO PALHAÇO!

O palhaço deve ter nascido com o primeiro homem. Essa é a razão provável por que todos nós encontramos na velha legenda do palhaço um tubo de escape para as preocupações de todos os dias. E rimos, convencidos de que rimos de nós um pouco... O palhaço é uma projecção de nós mesmos, concretiza e expande um sector do nosso ego; é a coragem dos nossos risos abafados, escondidos... Por isso, gostamos dele, por isso levamos os filhos a «ver os palhaços», para podermos rir também e encontrarmos uma desculpa no riso dos outros. Deixamos, por momentos, exteriorizar-se uma amargura que se exprime em gargalhadas... Sentimos que, para além do vermelho e do nariz abatado, para além da máscara, está o nosso rosto, um pouco da nossa alma...



Um exemplo a considerar

Já todos vimos, pelo menos no cinema, raparigas americanas, autênticas beldades, que, nos espectáculos desportivos, dirigem as claque, com o maior entusiasmo. Além de serem muito bonitas, as *marjorettes* americanas são verdadeiras artistas. Bailam ao som da música como exímias dançarinas, o que faz com que sejam calorosamente aplaudidas.

Aqui está uma ideia para os nossos desafios de futebol principalmente aqueles em que os ânimos se acaloram demasiadamente... Nessa altura entravam as *marjorettes*, com as acrobacias e evoluções artísticas praticadas com as hastes de metal. Carbosas e belas, distraíam os árbitros, o que, muitas vezes, seria *aconselhável*...

UMA MULHER DE ARMAS!

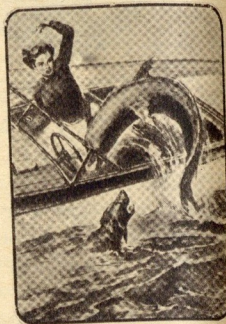


Em Lyon (França), uma tal Henriette Goir, abandonada pelo namorado, resolveu chamá-lo à ordem, e com tal fim foi ter com ele, levando uma pistola na malinha de mão. Mas, no carro eléctrico, ao mexer na bolsa para pagar a passagem, tocou inadvertidamente no gatilho da arma, fazendo disparar um tiro que foi atingir o guarda-freio nas costas. Enquanto o infeliz caía sobre o volante e o passageiros eram dominados pelo pânico, o veículo, privado de guarda-freio, corria em louca velocidade por entre o tráfego da cidade. Felizmente, um passageiro expedito, puxou a corda do trolley, des-

ligando assim a corrente e parando o carro. Enquanto o infeliz funcionário recolhia ao hospital, a estouvada Henriette era maltratada pela multidão e finalmente presa.

O DELFIM APAIXONADO

A bailarina Adele Braille tinha acabado de sair do porto de Constanza, quando um grande delfim se pôs a voar rapidamente em torno do seu barco a motor. O cão da bailarina atirou-se à água para morder o incauto admirador da sua dona, mas o delfim, com salto ágil, pulou para a embarcação, enquanto a jovem, aterrorizada, se debatia com as ondas!



UM D. JOÃO DE PACOTILHA

Rafael Capeda é um rapaz rico e ocioso, que vive em Madrid, com a mania de cortejar as noivas ou esposas alheias.



Atraído pela beleza de Carmela, rondava-a enquanto o noivo, Caetano, estava no trabalho. Certo dia, Rafael levou o atrevimento ao ponto de querer penetrar no apartamento de Carmela. A jovem mandou-o embora, não consentindo em abrir a porta. Mas não ficaram por aí as desditas do conquistador. Ao sair da casa, viu-se frente a frente com o desconfiado noivo da jovem, que lhe atravessou a perna com uma bala.

De hoje para o futuro, se te obstinares em a assediá-la com as noivas dos outros, terás de fazê-lo, não armado em conquistador, mas coxeando grotescamente! — apostrofou-o o ciumento.

E, com efeito, o donjuanesco Rafael ficou coxo para toda a vida.



PERFUMARIA AMBULANTE

Em Stutgard, Alemanha, foi lançada há pouco tempo uma novidade sensacional, que os (e as) lisboetas deveriam adoptar: ventiladores de bolso, que servem também para pulverizar água de colónia. Não há dúvida de que ficaria resolvido um problema de estética, pelo menos parcialmente: o dos lenços de assoar, que passaríamos, deste modo, a ser perfumados...

E a propósito lembramos a asseada prática dos japoneses, que utilizam um lenço para cada assoadela — um lenço de papel, já se vê, que após ter servido é lançado fora.

Sabia que...



...o halo, diadema ou auréola que se pinta sobre a cabeça dos santos era o disco com o qual se protegiam as imagens na China?

Os antigos pintores pintavam os discos quando copiavam as imagens, e hoje esses discos figuram como símbolo de santidade.

...Num clima muito temperado não se criam raposas para ornar os os colos graças das senhoras (com a sua pele), pois esta sai pobre, tênue e curta?

*
...na Bíblia figuram 263 nombres diferentes aplicados a Jesus Cristo?





UM TRIBUNAL DE FATO DE BANHO

A querela que se julgou recentemente num tribunal de Viena deve ser inédita nos arquivos judiciais do mundo inteiro.

E por ser inédita, a sala de audiências houve de ser encerrada por excesso de público.

O processo teve este fundamento: uma modista vienense queixou-se de uma cliente que lhe encomendara um fato de banho e depois se recusara a pagar-lho por verificar (alegava em sua defesa) que as conexvidades não tinham sido praticadas nos lugares exactos.

O juiz ordenou uma demonstração e a arguida não teve outro remédio senão sentar-se no banco das réis como teria ido à praia, se o fato lhe assentasse como uma luva...

Aos debates, o advogado de acusação afirmou que a ré era mais forte quando tirou as medidas. Mas o patrocinador da defesa pulverizou os argumentos do antagonista com uma simples pergunta:

— Mas como soube isso?

E o juiz — acrescenta a notícia — não esteve com meias medidas: hirtó e inflexível, lavrou a sentença da absolvição...

A NOSSA CAPA

Não é a primeira vez que Fernando Gil merece um apontamento da Imprensa; lamentamos somente que o caso deste bailarino não se enquadre numa continuidade do nosso folclore, o qual vive de assomos sem seqüência. Aqui vemos Fernando Gil e a bailarina inglesa Chris na composição de um bailad ribatejano, cujo tema merece especial atenção.

Chris é uma simpática apaixonada do nosso baile popular. Pretende incluí-lo no seu repertório e levá-lo a outros países.

Fernando Gil e Chris merecem esta referência especial, e esperamos que continuem a interessar-se pelo bailado português, que tão pouca atenção tem merecido até agora!



DORA Doll, é indiscutivelmente uma das mais simpáticas vedetas do cinema francês. Sim, ela nunca recusa um convite, nem deixa de gentilmente emprestar valiosa colaboração a todos os espectáculos de beneficência ou de aceder ao primeiro pedido para fazer parte de todas as Embaixadas do cinema francês. As suas obrigações mundanas — chamemos-lhe assim — tiram-lhe um tempo louco e sacrificam-lhe o repouso. Se acrescentarmos a tudo isto a informação de que Dora Doll foi a artista que mais filmes franceses interpretou em 1956, temos que concordar que os seus médicos tiveram razão ao ordenar-lhe um repouso absoluto durante dois meses, o que, aliás, já tinha anteriormente sido prognosticado pelos médicos das companhias de seguros que tinham ameaçado Dora Doll de não mais a segurarem contra doença no caso de não obedecer ao diagnóstico.

Essa é a razão por que antes de Fevereiro não veremos em todas as recepções e nos plateaus parisienses o sorriso amável de Dora Doll, uma

DORA DOLL

uma das simpatias DO CINEMA FRANCÊS

artista completa que interpreta qualquer género do burlesco ao dramático, do music-hall ao lirismo.

Dora Doll é francesa, de origem russa e nasceu a 19 de Maio de 1922 em Berlim.

Apenas com a idade de dois anos descobriu Paris e foi aqui que fez todos os seus estudos. Ela habita nos arredores de Paris e, o pouco tempo que tem disponível emprega-o a ler (um pouco de tudo: Gide, Erich Maria Remarque, romances policiais) ou a ouvir música tendo especial predilecção por Bach, Beethoven e jazz. Sensível e sincera, esta artista adora o sport fala correctamente além do francês o inglês, russo e o alemão. Magnetizada desde muito

Vive nos arredores de Paris e, o pouco cedo pelo teatro e pelo cinema, matriculou-se nos cursos do Conservatório onde teve como professor Luis Jouvet.

De 1940 a 1944, representou uma quantidade de peças do repertório clássico francês em diversas tournées pela província. Quando da libertação de Paris e voltou à capital e obteve imediatamente um novo contrato teatral.

Coisa interessante: embora já vedeta teatral Dora Doll, apaixonada pelo teatro, continuava a fazer figuração para contactar com o meio cinematográfico.

Sõmente em 1946 é que foi notada pelos produtores que lhe deram um pequenino papel em «La Foire aux Chimères». O desempenho de Dora Doll foi tão bom que nesse mesmo ano obteve mais dois novos contratos.

De então para cá Dora Doll fez parte da ficha de 50 filmes franceses ou produções franco-britânicas, para as quais ela é uma das vedetas ideais dado o seu perfeito conhecimento do idioma inglês.

Estes são os principais dados biográficos de Dora Doll uma artista a quem os médicos exigiram dois meses de férias.

SOMOS AMIGOS, OU NÃO

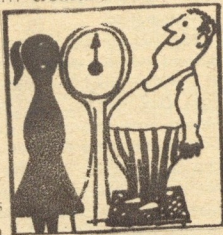
Amigo leitor, vamos ensinar-lhe um truque, cujos resultados podem modificar-lhe a vida por completo. Para melhor, já se entende... Não somos amigos de Peniche!

Cada uma das ilustrações, encerra um conselho. E não se espante por ser o conselho endereçado a sua esposa. Ai reside uma das possibilidades de resultar favoravelmente o que nos propomos. Faça-se distraído e mostre esta página à sua cara-metade. Pode mesmo insinuar que o seu (...dela!) mau génio chegou ao nosso conhecimento, e que estas linhas lhe são directamente dedicadas.

E tentamos fé que ela melhore um bocadinho.

(Aqui muito à puridade, confessamos que a experiência foi feita com os redactores da «Crónica Masculina», já casados; não resultou nada bem. A maior parte delas garantiu-nos que já nos conheciam a... crónica!)

Vigie a saúde e o peso do marido, de modo a conservar-lhe aquela linha apolínea dos tempos da lua de mel. Mas não caia no exagero de o reduzir à espinha... dorsal!



2 Deixe que ele resolva os problemas de negócios, conserve-se como simples boa amiga nessas questões

dando a sua opinião só quando ele lhe pedir. E não dê sugestões para negócios arriscados. Quando ele lhe disser que, na noite anterior, teve de fazer serão no escritório, faça os possíveis por acreditar...

E acredite, que é verdade. Fim de ano, começo de outro é a época de balanços e dos saldos. Não queira «saludar» a sua felicidade para sempre.

Quando ele estiver furioso por qualquer razão, não o irrite com piadinhas... Francamente, isso não tem piada nenhuma!

E, nos raros momentos de alegria que ele possa viver, não estrague o ambiente com uma cara de enterro...



Os Duques de Windsor

foram os protagonistas do GRANDE AMOR DO SÉCULO XX

OS leitores apaixonados pelos casos sentimentais entre personagens em destaque (visto que dos verdadeiros e sinceros amores não trazem notícia os jornais) tiveram, há pouco, dois grandes pratos-fortes: a princesa Margarida e Townsend e Grace Kelly e Rainier. Um acabou no matrimónio, o outro na separação. Mas importa frisar que nenhum deles superou nem em beleza nem em dignidade — o grande e verdadeiro amor do século XX. Esse será uma legenda eterna, com tanta repercussão como os maiores amores da História.

Um rei, que abandona um trono para casar com uma plebeia e para mais divorciada, tem forçosamente que ganhar um lugar à parte nos corações femininos. Sim, convenhamos que não são vulgares atitudes como a desse legendário rei de Inglaterra.

Ao tempo do seu casamento, um notável escritor escreveu: «O grande amor do século XX não sacrificou apenas o maior Império do Mundo à posse legal da mulher amada. Rainha por voto do seu coração, embora a régia pragmática oficial lhe negasse o diploma.

Bateu-se com os potentados do Império para a isentar a ela, num gesto de rara beleza moral, da responsabilidade da renúncia dele ao trono de tamanha magnitude. E quando a mulher amada, para que por ela não consumasse o sacrifício, se dispôs a fugir, a desaparecer, sumindo-se em terra ignorada, ele lançou-lhe este desafio que será amanhã a legenda simbólica do amor do século XX» — Podes ir para onde quiseres. Para a China, para o Lavrador, para as ilhas do Mar do Sul! Mas para onde fores, seguir-te-ei».

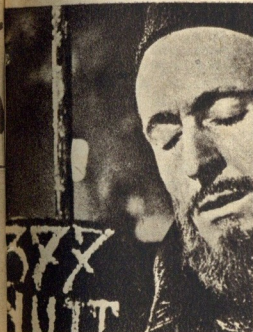
O ABADE PIERRE, PROTECTOR DOS POBRES DE PARIS

Madrugada alta. Inverno. Pelas ruas de Paris poucos transeuntes. Pares enlaçados arrastam-se pelos passeios. São as almas da noite. Aquelas que fazem da noite dia em busca do prazer fugaz da posse mater.

De um cabaré resplandecente de luz saem damas e cavalheiros, meio ébrios... Para esses há sempre um táxi, um automóvel de luxo.

Porém, outros passam em busca de um abrigo, de qualquer lugar onde possam pernoitar. Tudo serve: uma escada, umbral de porta, um banco de jardim, os «corredores» do «metro». Esses são os mendigos, os sem casa. Os pobres de Paris. Contam-se às centenas. Para eles a vida é tormentoso caminho onde não há lugar nem para a fé nem para a esperança. Mas eles têm o seu protector, o abade Pierre que surge, mesmo nas madrugadas mais frias, e pelo Mundo. É o amparo desses homens e mulheres, velhos e novos, que não têm tecto, nem cama, nem comida.

Para eles não há dia — só a noite escura os acompanha. Só o seu «Père», como lhe chamam, está com eles. É a única réstea de luz na noite das suas vidas...



DA ORIGEM DOS NOMES DOS CONTINENTES

O baptismo dos objectos que chamamos de «inanimados» ro-deia-se frequentemente da mesma solenidade que acompa-nha o dos seres humanos e nada é mais apaixonante, como bem sabem os filólogos, do que remontarmo-nos à origem de um nome, convertido em palavra banal à força de se pronun-ciar todos os dias.

A EUROPA

De onde vêm, por exemplo, os nomes dos continentes? As investigações sobre os nomes da Europa, África e Ásia, reduzem-se a interpretações mais ou menos hipotéticas de fontes históricas pouco seguras. Quanto à primeira, não deve pôr-se de parte a lenda mitológica tecida à volta da densa Europa. Mas, até há uns 15 anos atrás admitia-se, em geral, que a palavra provinha de uma deformação grega do vocábulo fenício «ereb», que significa «a terra onde se põe o sol». Em 1936, o erudito Hans Philipp publicou um estudo em que pretende demonstrar o erro desta teoria. Seguindo ele, «Europa» não era a designação de um Continente quase ignorado dos antigos mas apenas do território situado ao norte da Grécia ou, para sermos mais exactos, na região da Costa de Trácia. Na literatura grega abundam as passagens que citam a «terra de Europa», nome conservado sob a forma de Oropos, Eropos, província macedoniana. No tempo de Constantino, chamava-se Europa a toda a província que circundava Bizâncio. Depois, o mesmo nome serviu para designar o Continente no seu conjunto, desde o norte até às regiões habitadas pelos povos «bárbaros».

ÁSIA E ÁFRICA

No que respeita à primeira, também é necessário reportarmo-nos a fontes

gregas. Homero falá dos «pantanos de Ásia», e Herodoto atribui a denominação das colónias jónicas ao nome do chefe lídio Ásias. Pouco a pouco, foi-se designando assim todo o território descoberto por este e, finalmente, houve a necessidade de distinguir por «Ásia Grande» as regiões mais antigas, chamando-se «Ásia Menor» as restantes.

Quanto à África, sabe-se que no antigo mundo grego se chamava a este Continente, ou melhor, à sua parte norte, que era a única conhecida, Líbia, por derivação do nome dos seus habitantes, os líbios. Depois da conquista de Cartago, os romanos tomaram posse da costa, designando esse território por «província África» do nome de uma tribo, os Afres. Durante certo tempo coexistiram os dois nomes, Líbia e África, até que a denominação romana, propagada pelas legiões que, cada vez, se iam tornando donas de maior número de províncias, suplantou o nome inicial, hoje adoptado apenas para designar uma pequena parcela.

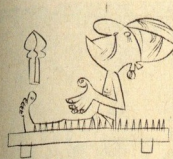
AMÉRICA E AUSTRÁLIA

Como todos sabem, o Continente «yankee» deve o nome ao italiano Américo Vesúpcio que, no entanto, não foi o seu descobridor. No apreciável estudo de Stefan Zweig sobre o assunto, pode ver-se a interessantíssima série de casos e coincidências que originaram a actual denominação deste território. Nada de curioso, pois, em matéria de investigações.

O mesmo não sucede, porém, a respeito da Austrália. A expressão «terra australis», de que provém, surgiu de uma interessante teoria geográfica que remonta a Ptolomeu, ou talvez a épocas mais antigas. No seu seu «mapa do Mundo», Ptolomeu desenhou a África e a Ásia com um único Continente e marcou o respectivo limite, ao Sul, por uma linha que revela imaginação atrevida e que unia o Indústão à Somália actual. As terras porventura situadas ao Sul desta linha, designou-as como «terra austrálias», desconhecidas. Acreditava-se, realmente, na existência de um Continente austral, com base nos cálculos dos géometras, de acordo com os quais não podia manter-se o equilíbrio da terra sem esse Continente.

Rezam as crónicas do século XVII, que os navegantes portugueses e holandeses desembarcaram em território austral. Quarenta anos mais tarde, em 1642-44, Tasman descobriu uma região situada mais ao Sul, que teve o seu nome. Já nos séculos XIX e XX, os exploradores chegaram muito mais longe, até às terras verdadeiramente austrais, em torno do Polo Sul. No entanto, o Continente descoberto em 1601 ou 1605 por Heredia e Jansz, conservou o seu nome de Austrália. Talvez para perpetuar a memória das hipóteses geográficas concebidas pela fértil imaginação dos antigos...

CURSO DE FAQUIR por correspondência



E pronto, amigos. Chegá-mos ao último dia de aulas. Com ou sem aproveitamento todos vós, que seguistes mais ou menos atentamente estas lições, podereis considerar-vos formados. Já todos sois doutores. Podeis sair

de casa onde por intermédio da nossa revista vos chegaram as matérias do curso e entoar alegremente pelas ruas o estribilho da conhecida canção de «As Pupilas do sr. Reitor».

Alto lá! Não se precipitem. A «cabra» não sou ainda. Antes de abandonar a sala e pegar no canudo da formatura, tereis de escutar a

VI (e ÚLTIMA) LIÇÃO regida pelo conspícuo lente Sehara Bey.

Atenção pois ao seu verbo brilhante:

Como hoje me despeço, falar-vos o mais depressa possível.

Meus caros: No truque do leito de pregos, não há nenhum... truque. Os pregos que se distribuem sobre a madeira são realmente pregos pontegudos. O segredo reside no seu número. Quando o faquir ou a faquir... ira da minha sogra que tem 70 quilos (o peso da consciência neste caso não conta) se estende sobre o «edredon» de pregos, que são duzentos, verifica que cada prego suporta 350 gramas da sua massa bruta, fica encantada da vida. 350 gramas é peso insuficiente para que se produza a penetração dos bicos (dos pregos) na sua carne curtida.

E pronto, meus senhores, vou-me deitar.



...OU ISTO... OU LUTA LIVRE!

Não se trata de divagação sobre a real ou pretensa igualdade de direitos entre homens e mulheres. Desta vez interessa-nos sómente notar (e fazer notar) uma diferença entre desportos praticados pelo sexo (mais ou menos) fraco. E então acodem-nos ao espírito as belas imagens de duas mulheres a praticar luta livre, como os documentários cinematográficos nos mostram com assiduidade que supomos regular; para dar mais sugestão tema, as lutadoras exibem-se muitas vezes em recintos absolutamente enlameados, o que emporta às imagens recolhidas um alicante que é considerado espectacular...

Em compensação, podemos apreciar imagens de belo recortador plástico, como esta que oferecemos aos leitores. O basquetebol é, de facto, um desporto que, com peso e medida, muito favorece a estética feminina, proporcionando leveza e graciosidade de movimentos, educando os reflexos e desenvolvendo, de um modo geral, os músculos de todo o corpo.

Para confirmar o que escrevemos, basta reparar na segunda jovem da direita, e na linha harmoniosa que exhibe. Ou isto ou... luta livre!

2 Páginas de DESPORTO

O ÊXITO DOS PRGNÓSTICOS

Na Checoslováquia o concurso dos prognósticos está a alcançar extraordinário êxito. Na primeira semana foram arrecadados mais de doze mil contos (ao câmbio normal) dos quais metade se destina a premiar os vencedores. Na segunda semana, a receita ultrapassou os dezoito milhões; e na terceira o monte voltou a crescer. Mas o mais interessante e admirável é que, todas as semanas seis mil contos, se destinam a desenvolver o desporto em todo o país. Uma verdadeira felicidade para os desportistas checos.



“PLANTA” NÃO LHES FALTA!

Ainda não há muito tempo, realizou-se em Biibau curioso desafio de futebol: Cordos contra Magros.

O espectáculo decorreu repleto de pitorescas e desopilantes peripécias (como é de calcular), para gáudio dos 40 mil espectadores que o presenciaram.

A vitória sorriu aos Magros, que tiveram, apesar da sua agilidade, de suar bastante para sair vencedores!

Como, por vezes, nos queixamos de que o que falta à Selecção de Portugal é, única e simplesmente peso, talvez estas imagens e os nédios charutos que ele aspira tenham o condão de inspirar, o dr. Tavares da Silva,

A sugestão aqui fica e não levamos nada por ela nem ambicionamos o cargo de seleccionador...



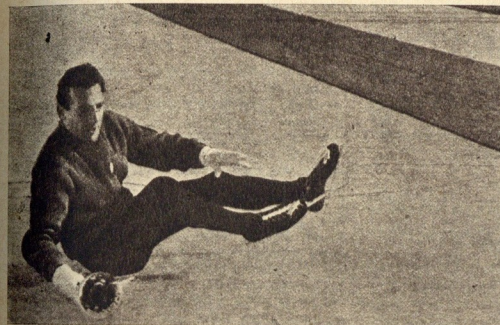
NÃO VALE A PENA

Os futebolistas austríacos que jogam na Alemanha, entre eles Porobst e Lechmeister protestaram contra o jogo excessivamente viril dos germânicos. Acham que expor as pernas e os tornozelos a lesões frequentes por 3.000 marcos por mês (cerca de 15 contos), não vale a pena. Os nossos compatriotas pensariam do mesmo modo?

...E OUVIU-SE UM «OH!» PROLONGADO!

Isto aconteceu em Cortina d'Ampezzo, o Inverno passado, na abertura dos Jogos Olímpicos da Neve.

O Estádio principal estava repleto. Tocaram clarins. Solenemente, na presença das autoridades, no mais completo silêncio, o atleta italiano Guido Caroli empunhou o facho tradicional, e deslizou, pista fora, nos seus patins de lâminas, no desejo de atingir, em glória, o local onde seria acesa a chama olímpica. Mas, já a meio da pista, Guido Caroli, distraído, orgulhoso e feliz, não reparou no cabo dos microfones e — zás! estatelou-se. Pelo Estádio souu um «oh!», cujo eco se prolongou através das montanhas... enquanto, no chão, o bom do Guido Caroli tentava disgarçar a carola com que ficara...



OS MAUS HÁBITOS

As actuações do flamante recordman mundial da hora em bicicleta, Escolle Baldini, está a suscitar grandes celeumas na Itália. Diz-se que ele triunfa com excessiva facilidade porque... os melhores correm com ele! O antigo campeão Learco Guerra, que chefia, actualmente, a equipa do seu nome explica-se desta guisa: «Giovani Proletti (treinador de Baldini) é sem dúvida um bom técnico, mas excede-se nas suas funções. O seu apego à equipa italiana (Campeonatos mundial e Jogos Olímpicos) fazem-no cometer injustiças. Na estrada todos os ciclistas sob as suas ordens, «trabalham» para Baldini. É essa a razão do meu protesto e aquela que me levou a aconselhar os meus pupilos a reclamarem.

Toda a Imprensa italiana acolhe e seguindo os clamores dos «protestantes» aos quais deferimos razão inteira.

Considerado campeãoíssimo antes das provas, Baldini está a contrair maus hábitos.

DENTRO DE POUCOS DIAS
ALMANAQUE PLATEIA
1957
O ÚNICO ALMANAQUE
PORTUGUÊS DE CINEMA



UMA CORCUNDA MÓVEL

Manhãzinha, um corcunda atravessava a Piazza dell'Oro, em Roma, e um guarda, que o deteve por suspeita, foi saudado por um repentino cócorócó!, e enquanto a estranha corcunda começava a desaparecer, umas patinhas douradas tentavam sair pela gola do casaco do homem! Os frangos conseguiram libertar-se e o gatuno foi apanhado em flagrante (depois do) delito, o que não deixa de ser curioso e estranho!

TRANSPARÊNCIAS

LOLLO FAZ A SAFO PARA SE SAFAR...

A estrela de cinema Gina Lollobrigida, que é a artista mais bem paga na Itália, acha que não recebe o suficiente. Por isso fundou com o marido, o médico Dr. Mirko Skofic, uma nova empresa produtora de filmes, que se chamará «Lollitsch-Production», e planeia a primeira película que se intitulará «Safo». Não se sabe ao certo se o filme será rodado segundo o drama do mesmo nome do poeta austríaco Franz Grillparzer (1791-1872). Lollo ignora-o também. Quando recentemente o magnate do cinema Samuel Goldwyn lhe quis dar a entender que um bom argumento era mais importante do que uma **rainha das curvas famosas**, a Lollo replicou calmamente: «Nunca me disseram tal coisa».

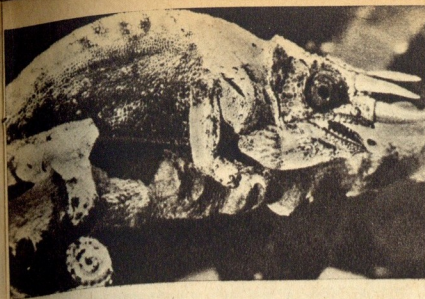
O PAI DE COOGAN PERDEU O QUE O FILHO GANHOU

Quando as estrelas de Hollywood ainda pagavam poucos impostos, o menino prodígio do cinema americano Jackie Coogan

aufferia milhões. Porém destes milhões nada resta, pois o pai de Jackie meteu-se em especulações que não resultaram. Agora procura o actor regressar ao cinema como parceiro de Frank Sinatra num filme intitulado «The Joker is Wild». Como Jackie tem uma careca à Yul Brynner, supõe que terá grandes oportunidades.

CINEMA OU PETRÓLEO POUCO IMPORTA...

O petróleo rende mais que o cinema, e porque se suspeita que os terrenos de filiação da Centfox em Hollywood contém petróleo, estabeleceu-se uma luta subterrânea pela posse das acções daquela companhia de cinema, Darryl Zanuck, que possui ainda boa carteira de títulos, não está muito satisfeito com esta evolução. Para ele é mais importante a realização de filmes do que ganhar milhões com o petróleo. Com a sua amiga, a bela actriz Bella Darvi, sucede precisamente o contrário: afinal, apesar de protegida, Zanuck acabou por não fazer carreira no cinema. A ela não interessa de onde venham os milhões — do cinema ou do petróleo.



UM DESCENDENTE DA PRÉ-HISTÓRIA

Em África, o camaleão aparece em toda a parte. Este distingue-se das espécies conhecidas pelas três hastes que tem entre os olhos e a boca. Frequenta, de preferência, as regiões montanhosas.

O camaleão é um dos poucos animais actualmente existentes cuja *árvore genealógica* ascende em linha directa à pré-história. De facto, não nos é difícil, observando este pequeno monstro, idealizar algo de semelhante aos dragões, que, da Mitologia aos contos infantis, ocupam um lugar de destaque na literatura. E os dragões não são mais do que *estilizações* de monstros pré-históricos susceptíveis de ensinarem aos homens de ciência a idade que tem o mundo e como ele foi no princípio.

É curioso como de um simples Camaleão, chegámos aos tempos remotíssimos... Facilidades da imaginação, em três parágrafos...



O SIMBOLO da Liberdade

Este curioso monumento que a imagem nos mostra foi erigido na Praça Courbière para celebrar a reconstrução de Berlim. Simboliza a destruição, bem como a luta pela reconstrução pela liberdade. Na sua elegância e simplicidade de linhas, este obelisco quadrangular poucas vezes foi fotografado, talvez por lhe faltar a graciosidade habitual nestes monumentos comemorativos. No entanto, foi exactamente a sua singularidade que nos impressionou.

UMA HISTÓRIA FANTÁSTICA

Admitiu, em princípio, que algum mendigo se tivesse metido na escada, fugindo à temperatura húmida e desconfortável do exterior. Já tropeçara em vários, sobretudo no inverno. Mas nunca o haviam seguido, e muito menos nesse ritmo que tinha qualquer coisa de macabro. Era como se uma sombra, projectada alguns metros à retaguarda, produzisse ruído com os seus diáfanos. E um ruído invulgar, fantástico, alucinante.



«— Bem, ou levo uma trancada, ou...», e susteve o pensamento. Rapidamente, veio-lhe à cabeça a ideia de almas do outro mundo. Não acreditava, nem deixava de acreditar. Os homens simples como ele, fazendo do positivo quotidiano a razão única da existência, pouco se prendem com coisas dessas. João Caldeira não tinha ideias definidas sobre superstição, e isso pouco o incomodava. Ouvira muitas vezes falar de ciências ocultas e da vida de além-túmulo, de histórias incríveis, mas a sua natureza precisava de alguma coisa mais que teoria para se subjugar. «Ver para

crer» era um lugar comum que ele utilizava frequentemente, sem deixar de citar S. Tomé. E agora, ali estava a sua indiferença a defrontar um acontecimento inexplicável e pouco tranquilizador.

Fazendo um esforço enorme para não se lançar em correria louca pela escada acima, dominou o terror que principiava a invadi-lo e prosseguiu na subida, mantendo a mesma cadência. Imediatamente aquelas passadas misteriosas, arripiantes... Sempre lhe haviam dito que não é bom, em tais circunstâncias, voltar-se uma pessoa para trás. Lembrou-se de acender um fósforo, mas logo lhe ocorreu que também «não era bom». Quando atingiu o patamar seguinte, aproveitou a curva apertada do corredor para virar os olhos, apenas os olhos, num esgare ridículo, mas nada conseguiu perceber. Nem rasteia de luz! Agarrou-se então, com desespero, à esperança de que talvez fosse um gato.

«— Querem ver que ainda apanho para aqui alguma tarefa...». Começou a pesar as suas possibilidades numa luta corpo a corpo dentro daquela escuridão medonha. Conhecia a escada há muitos anos, palmo por palmo. Lances de catorze degraus estreitos e cinco patamares de pouco mais de dois metros quadrados. Costumava descê-los em corrida, a dois o dois, inteiramente às escuras. Mas tratava-se do risco de uma agressão traiçoeira. Vivendo antecipadamente o combate, retesou os músculos quanto pôde e desejou com toda a alma que ele se desse. Ao menos, seria uma razão humana para aquele barulho infernal. Porque — tinha a certeza — nenhum ser vivo poderia reproduzir um som semelhante. E essa terrível percepção alagava-o em suor, punha-o febril, aniquilava-o.

Parou de novo. Desafogou o pescoço. Sentia calor. A garganta seca. Seria possível uma alucinação ou coisa semelhante? Experimentou raciocínios diversos. Estava lúcido, normal. Não bebera gota de álcool. Tólice! Desde quando o escuro de uma escada seria capaz, só por si, de lhe suscitar estados mórbidos? Num esforço medonho, iniciou outro lance. Venceu dois degraus e logo «sentiu» como que o eco dos seus passos. sútil, imaterial. Depois, silêncio! As pancadas do coração assemelhavam-se

aos violentos sopros de um enorme fole para dentro de um invólucro prestes a re-rebentar.

Finalmente, atingiu o último piso, sempre com a nítida presença daquela companhia absurda. Tacteu a porta e fez rodar a chave. Entrou. Pronto para tudo, deu meia volta sobre si mesmo e atingiu com a mão esquerda o interruptor, enquanto a perna direita apertava furiosamente a chave na mão direita. O ataque não veio. Acendeu a luz. Ninguém! Sossego absoluto! Com movimen-



tos calmos, tendo o cuidado de não trair com um gesto o seu nervosismo, acercou-se da porta pelo lado de dentro e começou a cerrá-la vagarosamente. Até onde os seus olhos podiam acompanhar o facho luminoso que se projectava para fora, tudo deserto. O pequeno resalto do trinco foi como um sinal de paz. Respirou fundo.

No instante imediato souo, no fundo do corredor, a voz da mulher, estremunhada, sonolenta, longinqua:

— Ó João, quem é que vem contigo?!

COSTA PEREIRA

VÁ APRENDENDO, ENQUANTO É TEMPO...

CAMPEONATO DE LUTA ENTRE... GRILIS!

Não deixa de ter interesse conversar sobre a vida deste bichinho, que passa a noite e o dia cantando, como as «estrelas» da rádio.

Cantando, é um modo dizer, pois o grilo, em lugar de cantar, toca a um instrumento de *estridulação*, que melhor seria denominar reco-reco, pois é ao roçar um élitro contra a região áspera do outro que produz o som tão conhecido.

Há quem não goste de semelhante serrazina e há quem lhe ache encanto singular. Há, ainda, os que não o enxotam do domicílio, porque dão sorte à habitação, segundo antiga lenda europeia. Charles Dickens arranjou motivo para dar um belo livro o nome de «O grilo da lareira». Mas, por que cantam os grilos, quer os do campo, quer os domésticos?

A exemplo de outros animais, só o mocho é que canta; o seu canto é um convite ao amor e, talvez, a primeira canção amorosa que o mundo ouviu, porque vem lá do fundo das épocas geológicas primitivas.

A família dos grilos é numerosa, e encontram-se em toda a parte: junto das nossas casas, no campo, nas hortas, nas árvores e até existem espécies semi-aquáticas. Chegam a constituir praga

das hortas e viveiros, a ponto de um naturalista do Museu Paulista, H. Luederwaldt, dizer que se os brasileiros acabarem com as formigas, os grilos acabarão com os brasileiros.

Mas deixemo-nos de coisas tristes...

Se os grilos são, quase sempre, insectos *cricilantes* e indesejáveis, na China são estimadíssimos. E, se a China não existisse, muitos escritores jamais teriam coisas pitorescas a contar. Nas terras de Confúcio e dos mandarins, os grilos vivem instalados em gaiolas de luxo, não somente para serem ouvidos mas também para campeonatos de luta, em que se apostam grandes somas. Este desporto vem de longa data, e uma gravura preciosa, com mais de mil anos de idade, foi reproduzida, há uns três anos, num número do «Geographic Magazine».

No nosso país e na vizinha Espanha, é costume conservar grilos em magníficas gaiolas, mas grilos cantores, líricos de «pedigree». Por outro lado, a Alfândega brasileira impediu, há pouco tempo, a entrada de dois grilos cantores, devidamente engaiolados, que iam na bagagem de um emigrante português... A Divisão de Defesa Sanitária Vegetal entendeu que os dois cantores seriam capazes de arruinar a lavoura dos nossos irmãos de além-Atlântico...

E aqui ficam estes apontamentos sobre o grilo, esse nosso conhecido, embora, como tantos outros, simplesmente de vista.



Continuam a afluir à nossa redacção dezenas de cartas de leitores amigos, às quais vamos procurar responder, segundo o nosso critério de escolha e ordem de recepção.

O fema por nós apresentado «Por que se pintam as mulheres» continua a receber do público curiosos depoimentos.

PORQUE SE PINTAM AS MULHERES

Também o sr. Fernando Rodrigues Andrade, morador na Calçada do Monte (Lisboa), quis depor na velha querela, sempre nova, que processámos no primeiro número. Diz ele:

«Por que se pintam as mulheres?» Eu responderei parodiando uma conhecida frase: Se a avó de uma tal que se pinta para dar gratuito espectáculo nas «squirées» do «Lisboa», não tivesse morrido, ainda agora era viva e... talvez se pintasse.

De facto, se não existisse a «rouge», o «carmin» e não sei que mais, talvez as mulheres se não pintassem. E digo talvez porque na sua astúcia, à falta de outros meios, elas seriam capazes de encomendar ao Sempiterno um pouco de aurora para fingir as faces».

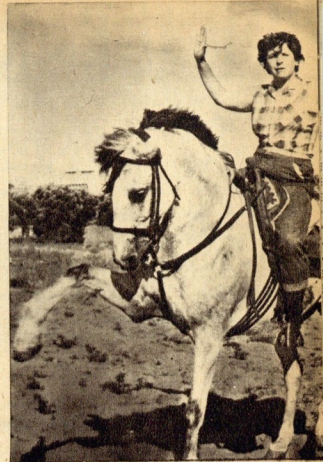
QUESTÃO DE IDADES...

A propósito de uma nóta que publicámos sobre Churchill, recebemos do nosso prezado assinante de Trancoso, sr. José Maria Caspar, muito grata cartinha.

Não regateamos razão às oportunas e preciosas considerações formuladas por aquele nosso amável correspondente.

No entanto, permitimos-lhe citar um pensamento muito conhecido de Antero de Figueiredo, a propósito dos erros de idade e da vida: «a mocidade é um erro belo porque vive a vida que ficou para diante, a velhice é um erro triste, porque vive a vida que ficou para trás». Reconhecidos, sr. José Maria Caspar.

O espaço não nos consente dar publicidade a muitas outras cartas não menos interessantes que as «abertas» neste cartão.



Olé, toureira!

Elisa Barroso ou Lupyta Barroso é uma mulher destemida, uma mulher que dá a muitos homens lições de coragem e valentia e a única mulher portuguesa que até hoje toureou em praças espanholas.

Cavaleira eximia, conta mais de cem corridas no seu palmarés; cem corridas que são outros tantos triunfos.

Em todas tem auferido êxitos clamorosos e o seu nome constitui o mais atraente cartaz dos redondéis onde tem toureado, maxime na União Sul-Africana e na nossa provincia de Moçambique em que desfruta de grande popularidade.

Elisa Barroso alia ao destemor próprio da sua juventude e aos primores de técnica perfeita o seu encanto pessoal de mulher gentil, que, diz-se, empresta ainda mais alegria e mais luz ao espectáculo cheio de cor e falhanche de sol que é a Festa Brava.

TIQUE-SE



com
esta !

★

Um médico búlgaro acaba de inventar um novo método terapêutico dental que consiste em extrair o dente enfermo, cortá-lo e voltá-lo a colocar novamente. A operação completa dura entre trinta e sessenta segundos. O método aplica-se com facilidade aos molares e aos pré-molares.

★

A indecisão é o caminho que conduz fatalmente ao erro.

★

As chaves dos cofres fortes do Tribunal da cidade de Celle foram roubadas e os ladrões não podiam utilizar os dossiers necessários guardados. Os melhores serralheiros do bairro burguês intentaram sem êxito, abrir as fechaduras. Então, ocorreu o notário local que na prisão de Celle havia dois clientes célebres por arrombamento incriminados. Mandou-os chamar urgentemente e em menos de meia hora, os cofres estavam saqueados.

★

Não fazer e deixar fazer é pouco fazer. Fazer e não deixar fazer, é algo mais. Não fazer nem deixar fazer é de nada todos os dias.

A uma da tarde do dia 8 de Dezembro findo e por ocasião da cerimônia inaugural do Salão Automóvel, os motoristas nova-iorquinos foram autorizados a usar livremente os «claxons» dos seus carros, durante um minuto. Findo este, as prescrições da campanha do silêncio entravam novamente em vigor. Mas durante os sessenta segundos de liberdade, nem queiram saber!...

★

A verdade, segundo se diz, só tem um caminho. O difícil é dar com ele.

★

Casado em segundas núpcias, há apenas um mês, Lester D. Plummet, de Springfield, Illinois (USA) pede aos tribunais que anulem o seu segundo casamento, explicando que o contraíra num momento em que se encontrava ainda sob a impressão do seu recente divórcio, não sendo portanto plenamente responsável pelos seus actos.

★

As mulheres podiam arrastar-nos à loucura, se nós pudéssemos contemplar por muito tempo maravilhas. — E WERTHEIMER.

BANQUETE de MORTE



Um cadáver de um búfalo assaltado pelos abutres. Uma das aves fez dos olhos do animal um manjar delicioso... para o seu gosto; outra pousou sobre o corpo do búfalo, mas as demais parecem quedar-se na expectativa.

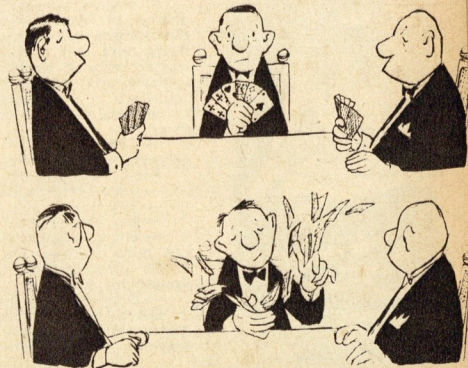
Um banquete de morte, síntese fantástica da luta pela sobrevivência, em que o mais fraco muitas vezes se aproveita de fortes... caídos.

E o búfalo será abutre, e o abutre morrerá um dia transformando-se em húmus, o húmus alimentará tenras ervas, e as ervas alimentarão um búfalo transformando-se em carne e nos músculos desse animal, que pode vir a ser pasto de abutres...

O eterno circuito fechado da vida... e da morte!

O Bom tom EM SOCIEDADE

O cavalheiro do centro não domina as regras do jogo nem a técnica dos baralhos. Recomenda-se que continui a jogar, apenas no caso de isso ser insistentemente pedido.



HOMENS SINGULARES O SEGUNDO ROBINSON CROUË

RESUMO DO NÚMERO ANTERIOR

Pouco depois daquele incidente viu na areia outras pégalas. Desta vez, não eram de pés humanos, mas sim de botas.

Os passos zigue-zagueavam como se o homem fosse ébrio ou atacado de delírio. Durante dois dias consecutivos, Rougemont seguiu as pisadas através das selvas espinhosas, acabando por descobrir um homem estendido, semi-desnudado e com o rosto fundido à areia.

Rougemont levou-o para a sua tribo, e pouco a pouco, o viajante foi recobrando forças, mas continuava incapaz de se expressar de um modo congruente. Não tardou a sobrevir-lhe um ataque, e Rougemont adivinhou que aquilo era o fim. Ao avizinhá-se a morte, o homem recuperou, por momentos, a lucidez precisa para contar a sua história. Fazia parte de um grupo de quatro homens que tinham vindo explorar o interior. Um dia em que andavam faltos de água, ele fora buscá-la a um poço e perdeu-se no deserto, onde a insolação não tardou a prostá-lo. Minutos depois desta breve confissão, o infeliz exalava o último suspiro.

*

Aquela ocorrência robusteceu o desejo que Rougemont alimentava de regressar a países civilizados. Os filhas que Yamba lhe dera ainda não tinham cumprido dez anos. A sua companheira acabava de falecer. Pôs-se, então, a pentear cuidadosamente os seus cabelos, abandonando as tranças que o identificavam com o seu povo. A seguir, escoltado por quarenta homens, dirigiu-se para as regiões onde, conforme declarara o moribundo, os homens procuravam ouro.

A viagem durou nove meses. Finalmente, um dia, divisou um acampamento de exploradores. Despediu-se dos homens da sua escolta e encaminhou-se para ele. Desta feita teve o bom cuidado de depor as armas, de apagar todos os sinais de pintura no corpo e no rosto.

Havia seis australianos sentados em redor de uma fogueira.

— Boas tardes — disse em inglês. — Há lugar para mim?

— Com certeza — respondeu um dos homens, desconcertado. — Senta-te aqui.

Fez-se um silêncio, e depois perguntou outro:

— Também procuras ouro?

— Sim.

— Em... encontrei?

— Em quantidade — respondeu Rougemont —; mas não pude trazê-lo. Era muito longe.

Os circunstantes olharam-no estupefactos. Então Rougemont pediu:

— Dizem-me: em que ano estamos?

Desta vez a opinião dos exploradores ficou sólida-mente formada: aquele indivíduo estava louco. No dia seguinte, aconselharam-no a que se fosse embora.

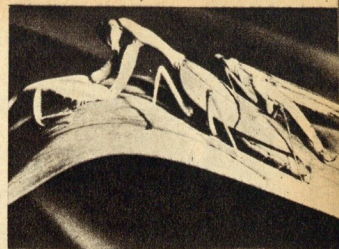
(Continua no próximo número)

UM PARTO A TOQUE DE CORNETA!

No Cairo, durante os recentes acontecimentos políticos, as patrulhas armadas tinham ordem de dis- parar sobre quem quer que aparecesse pelas ruas, entre o pôr-do-sol e a madrugada. A meio da noite, a esposa do bom Mustafá Hussin foi colhida pelas dores do parto. Mustafá ia precipitar-



— para chamar a parteira, quando se lembrou de que corria o perigo de apañar um tiro, sem mais nem menos. Não querendo fazer nascer órfão o seu filho, resignou-se a esperar. Mas o parto estava iminente, e então Mustafá tirou do armário uma Corneta, que lhe fora dada depois do serviço militar, chegou à varanda e soltou repetidos e fortes toques de alarme. Logo três pa-



Delicadeza no amor

O «Louva-a-Deus» acabou de devorar o macho, cujos restos ainda se vêem na imagem. É um encantador costume destas damas, desembaraçar-se assim do macho, depois da cópula. É este um dos mais arrepiantes exemplos de ferocidade animal, que os filósofos podem aproveitar para desenvolver teorias que envolvem no mesmo tema a Vida e a Morte, o Prazer e a Dor.

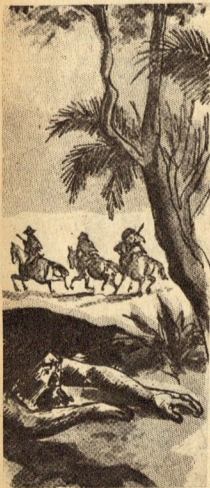
Mas este exemplo transcende tudo quanto um cérebro humano pode conceber de horrso.

Atendendo ao facto comprovado de que tudo quanto acontece na Natureza livre tem um significado construtivo, qual será o mistério que este acto encerra?

trulhas se precipitaram para atender ao apelo; um sargento correu de automóvel à procura de uma parteira, e o filho de Mustafá foi dado à luz com felicidade.

LEVADO pelo desejo de aventura às plagas do Oriente, náufraga numa expedição aos bancos de Coral. Salvo em circunstâncias miraculosas intenta reconstruir o barco destróado pela tempestade. Consegue esse prodígio, mas um obstáculo impede-o de navegar. Um dia avista uma píroga que transporta uma família de selvagens australianos. Entende-se com eles e condu-los à sua terra.

Considerado um Deus Branco pelos indígenas, estes convidam-no a presidir a uma festa celebrada em sua honra. Assiste a coisas incríveis tais como um festim de canibais em que seres humanos são tostados em fornos de terra. A pouco e pouco vai assimilando os costumes dos indígenas. Casa-se com Jamba, a mulher que encontra na píroga. E um dia é investido na chefia da tribo. Lobra gente branca, mas comete uma imprudência.





momento, as coisas tomaram um rumo tão perigoso que todos os ouvintes se mostraram claramente desgostosos. O pregador hesitou, e teve depois uma inspiração:

— Assim dizia S. Crisóstomo... — suspirou...

QUANDO A GRAÇA FAZ HISTÓRIA

MARCO Aurélio subiu ao poder pelo seu casamento com Faustina, filho de Antonino. A esposa não tinha conduta muito recomendável e, por diversas vezes, o imperador foi aconselhado a repudiá-la.

— Mas não é possível — dizia a parte filosófica de Marco Aurélio — repudiar a minha esposa e conservar o dote que trouxe.

O dote... era o próprio império...

*

Perguntaram, certa vez, a Marivaux, qual era sua definição de *alma*.

— Não tenho competência para isso — respondeu tranquilamente o escritor.

— Nesse caso, perguntamos a La Fontaine.

— La Fontaine é mais inteligente do que eu — acrescentou Marivaux. — Não acredito que tenha a fraqueza de se mostrar entendido na matéria...

*

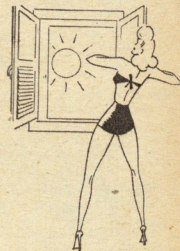
O cardeal Maury pronunciava um sermão bastante severo, que atingia em cheio todos os cortesãos. Em dado

Antes de dar sinais evidentes de loucura, Luís da Baviera tinha ideias extravagantes que impressionavam os seus cortesãos. Um dia pôs-se a falar em fundar um reino maravilhoso inteiramente a seu gosto, levando para lá apenas os sábios, os guerreiros mais valentes, os homens mais honrados e as mulheres mais belas e virtuosas.

— Mas, *sire*, como conseguiremos isso tudo? — perguntou um cortezão incrédulo.

— É muito simples. Basta que vendamos a Baviera...

A PREGUIÇA ESTÁ FORA DE MODA



Agora, deitar tarde e dormir a manhã na cama pode deixar de ser um defeito ou um mau hábito. Os sábios não são nossos amigos só através de sensacionais descobertas de ordem material; preocupam-se, também, com a tranquilidade do nosso espírito e procuram afanosamente justificações lógicas e científicas que possam contribuir para um melhor equilíbrio psicológico das massas. Graças a esse esforço, a velha preguiça vai passar a ser a coisa mais banalisada do mundo. E o amigo leitor, depois de compreender porquê, irá pôr de parte todos complexos e e aceitará, ainda mais descanso, o soninho até ao meio dia — se pode e gosta de dormir até ao meio dia...

A verdade é que a temperatura do corpo humano sobe e desce, ritmicamente, em cada 24 horas. Um grande número de testes provaram que o nosso entendimento atinge o máximo de agudeza na altura em que o termómetro clínico atinge a máxima diária, e se «apaga» proporcionalmente conforme a descida do termómetro ao mínimo. Por motivos que não estão ainda devidamente esclarecidos mas que se supõe serem muito complicados (desde deficiências físicas de vastíssima origem, até aos problemas da educação com alguns ecéteras) nem sempre o acto de despertar corresponde aquela «máxima» havendo pessoas que levam muitas horas a atingir o grau ideal, ou seja, o máximo rendimento intelectual e físico. Daí o existirem matutinos e sonolentos...

Os homens da ciência, sugerem que se guardem negócios e decisões importantes para as horas do dia em que, cada um, esteja mais desperto. De resto, uma sociedade perfeita deveria tomar as necessárias providências para que os «matutinos» circulassem todos à mesma hora, enquanto os outros se deixavam ficar regaladamente em «vale de lençóis». A separação das duas espécies de temperamentos traria um notável aumento de produção e reduziria, como é lógico, o «atrito social» isto é, o choque entre os que se levantam às primeiras horas da manhã *com a corda toda* e os que levam várias horas a «aquecer».

Nós, por exemplo, já concluímos que perdemos algumas das melhores horas da nossa existência pelo facto de nos deitarmos, muitos dias, antes da meia noite. Assim como também perdemos tempo sempre que nos levantámos antes do meio-dia. «Desencontros» desta natureza são a causa, até, de um elevado número de aborrecimentos domésticos.

O leitor sabe, portanto, que tem o direito científico de ser «mandrião». O que não quer dizer que esta prosa seja um convite à mandriice...

DA CONTRA CAPA: SORRISOS... A BEIRA RIO!

Neste tempo de frio constante, é paradoxalmente refrescante e apetível esta imagem ribeirinha, com um sorriso de mulher à mistura.

Uma sugestão de cor, uma figura recordada no azul do céu, e pouco mais.

É lícito perguntar que mais seria necessário. E a resposta é difícil. Tudo o que falta, é substituído pela força da nossa imaginação, pela nossa vontade de **aquecer** um tempo ingrato.

Buscamos um recanto mais calmo, ou um ambiente mais requintado; e o caso é sempre o mesmo: um sorriso de mulher, um grito de alegria soltado por uma criança... Afinal, de pouco necessitamos para sermos felizes!

PARA ESTE «EGÍPCIO» NÃO HÁ INIMIGOS!

A questão é sempre a mesma: o homem nasceu somente para o ódio!

Parece-nos que temos de levar em consideração o facto de a Natureza influir poderosamente no comportamento de cada um.

Estes soldados ingleses, durante a campanha do Suez, tiveram de trocar uns tiros ou umas saudações pouco amigáveis com os egípcios; isto veio nos jornais e não constitui novidade para ninguém.

Um dos aspectos que vem confirmar que, no fundo, todos os homens são de boa-vontade, é esta simples imagem, em que os **terríveis** soldados se enternecem com um bichano vulgar e se interessam pelo facto de ele beber mais ou menos leite!

Não! As situações podem ser mais ou menos perigosas ou causar maior ou menor soma de aborrecimentos, mas os homens continuarão a ser bem-intencionados.

Pelo menos assim o esperamos!

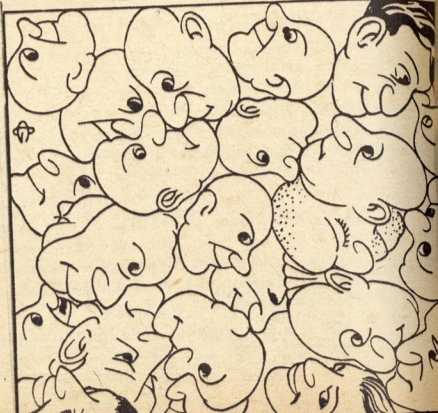
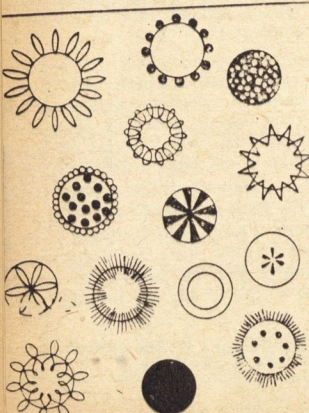
É BOM OBSERVADOR?

Entre estes círculos haverá um maior do que os outros? Qual é?

Observe atentamente o desenho acima. Há duas caras iguais, quais são?

Resposta: São todos iguais.

Resposta: A do centro e a do canto inferior esquerdo.



RUBIROSA

O HOMEM QUE COLECIONA! ALIANÇAS!



Os homens — façamos o nosso «nostra» culpa — foram e serão sempre mais inconsistentes no ódio que no amor.

Rubirosa o eterno sedutor de quem o mundo fala é o paradigma do homem inconstante, do homem para quem o amor e o casamento valem o instante fugidio de um «flirt» sem consequências nem responsabilidades.

Desde 1933, Rubirosa, vem colecionando alianças, como se o sentimento materializado no altar fosse um elo para desfazer num espaço convencional de tempo — o tempo suficiente para Rubirosa conseguir posição, dinheiro ou prestígio...

Com efeito a sua primeira esposa, Flor de Oro filha de Rafael Trujillo ditador da República Dominicana, abriu-lhe os umbrais da vida política; proporcionou-lhe uma carreira que não tinha; a de diplomata no país estrangeiro.

A união com Danielle Darrieux, na altura uma das mais belas mulheres do cinema deu ressonâncias ao seu nome entre a sociedade fútil que se alimenta de acontecimentos mundanos. Doris Duke, a terceira que ele desposou, era a mais rica do mundo e apesar de ele ter afirmado que não era a pecúnia que o atraía não ousou negar que do dinheiro da esposa pôde extrair vantagens. Depois certamente para não baixar o nível de vida celebrou com a multimilionária Barbara Hutton um casamento que durou 73 dias. Ninguém acreditou que o diñheiro o não seduzisse, mas Rubirosa com a separação calou as bocas do mundo.

Agora a quinta esposa é uma jovem e encantadora actriz de dezassete anos chamada Odile Robin de ele se enamorar há dois anos.

Mais uma aliança para o homem volúvel, que é flagelo dos corações femininos — um homem que muita gente inveja e adora, mas que para nós, portugueses habituados a venerar os sacramentos do altar não pode ser apontado como modelo de virtudes.

O grande sedutor fotográfico ao lado de sua noiva, a encantadora actriz Odile Robin



Flor de Oro, a primeira — Danielle Darrieux, a segunda — Doris Duke, a terceira — Barbara Hutton, a quarta

A IMAGINAÇÃO — II

NUM dos números anteriores falávamos do frutuoso invento de Esnault-Pelterie que tirou patente para o sistema de comando, cuja simplicidade imediatamente seduziu todos os construtores. Ficou por dizer que as negociações arrastaram-se até 1922. Então ele moveu um gigantesco processo por falsificação a todos os fabricantes de aviões do mundo, pois a sua patente fora requerida em 1903. Depois disso continuou a cobrar determinadas quantias sobre todos os aviões construídos se, em 1939, calculava-se que este manancial lhe excederia já a bacafeta de 150 bilhões de francos. Continuamos hoje a apreciar algumas ideias que valeram a quem as revelou incalculáveis fortunas.

Não importa saber se há um periódico que pague compensadoramente uma ideia original. Os grandes publicitários passam o tempo a receber desconhecidos que lhes trazem sugestões.

Se quereis tentar a sorte, procedei como as crianças: puxai pela imaginação. Nas mãos de meu filho Pedro, de 5 anos, um tacho torna-se um capacete de bombeiro, ou, quando está ao lume, um vulcão.

A imaginação, ao contrário da crença habitual, nada inventa de inédito. As suas mais brilhantes descobertas, as criações mais arrebatadoras não são mais que ligações novas de imagens e de ideias previamente armazenadas no cérebro. É por isso que um adulto deve ter normalmente mais imaginação que um adolescente: tem acumulado saber com o tempo vivido e dispõe por conseguinte de um maior número de imagens.

Nós temos efectivamente muita imaginação a qual chega para fazer projectos futuros. Se a vossa esposa ou o vosso marido está demorado, pensai imediatamente nas piores catástrofes. Se lides romances, idealizai as personagens. Pois tudo isto é prova de imaginação. E se sois bem sucedidos em abster-vos de toda a fantasia, tendes imaginação, visto que sonhais homens dormis. Por que é que tantos homens, nestas condições se julgam incapazes de inventar? A razão é simples. Se para mim um mocho de moer café em casa nunca poderá ser uma caixa registadora, um brinquedo ou uma casa, é porque eu sei muito bem que a sua utilidade é de moer café. E esta convicção me inibe de ir mais longe. A rotina é a inimiga mortal da imaginação.

A TALUDA ANDA CONSIGO Divulgue as suas ideias!

Esta lei psicológica é tão absoluta que, quando uma empresa tem necessidade, como muitas vezes acontece de «encomendar» um invento, encarrega voluntariamente deste trabalho pessoas que ignoram o alvo a atingir com o seu esforço. Diz Jean Penin que «uma comissão de médicos encarregada de descobrir um novo método de explorar o interior do corpo humano nunca poderia ter descoberto o raio X. Quando muito teria aperfeiçoado os processos de auscultação...» De facto, a successão de certos problemas por mais graves que pareçam é filha, quase sempre, que pareçam é filha, quase sempre, mais da imaginação e do bom senso que da alta competência. Depois de inúmeras tentativas, verificou-se que o produto mais eficaz para limpar a lente do telescópio da montanha Palomar era uma loção capilar. Durante a guerra, um grupo de sábios foi encarregado de aperfeiçoar os reflectores de radar que protegiam a Inglaterra contra a invasão inimiga. Estes eram constituídos por uma fina rede metálica colocada no solo cujas malhas a pouco e pouco se cobriam de relva. Ora, todos os produtos empregados para destruir a relva atacaram também o metal da rede. Finalmente, foi preciso, para conseguir o fim desejado, soltar um grande número de gansos!

Vós não podeis ser bem sucedidos na invenção que desejais se o problema for tratado com a trivialidade de espirito dum profano.

O processo da fotografia a cores foi inventado por 3 músicos húngaros, ignorando que especialistas da arte tinham demonstrado de modo irrefutável que a fotografia directa a cores era impossível.

Quando em 1941, sábios ingleses chegaram à mesma conclusão a propósito do radar, Churchill que queria ganhar a guerra, confiou o assunto a especialistas de ignorada reputação. Estes sem se inquietarem com os embaraços dos electrotécnicos, obrigaram com facilidade o radar. Pelo contrário, o estado maior alemão, fazendo fé nos seus sábios, só em 1944, quando um modelo tentado lhe caiu nas mãos, admite a possibilidade da sua existência.



OS FORÇADOS DO TEMPO

Imagem típica da nossa época de precipitação: um jovem lançado em corrida através de ruas e praças pejudas de veículos, forçado pela inexorável marcha do relógio.

A civilização, adianta-se ao homem, numa incontável sucessão de novos inventos, novas velocidades, mais prementes necessidades: — é este o principal drama do nosso século. O poder técnico, calibrado e orientado nos laboratórios, ganha ao poder de resistência humana um *handicap* cada vez mais expressivo: o homem sente-se atrasado nessa luta no tempo e contra o tempo. Nunca, como actualmente, se sentiu incapaz de acompanhar o próprio destino.

Por isso, o homem corre pelas ruas e pelas praças, para o emprego, para casa e até para descansar...

Na contra-capa O SEXO FRACO É O MAIS FORTE!

Esta imagem conduz-nos aos mais profundos e interessantes problemas: as últimas estatísticas tendem a provar que os homens começam a ser mais numerosos que as mulheres, e que estas não correm já o perigo de «ficarem por tias...»

De facto, é possível que caminhemos para um *matriarcado*. Não se trata somente de uma tentativa de igualdade de direitos, que, aliás, está basicamente conseguida. O problema é mais grave: actualmente, o homem ainda está convencido que é ele quem escolhe a «cara metade»; no entanto, tudo tende a caminhar para um outro aspecto. Desta vez, ficamos por aqui. Mas não tardará a a questão da superioridade masculina (pelo menos em número) seja posta em causa.

Tudo isto, afinal, veio a propósito de um pretenso desafio de hóquei sobre gelo entre homens e mulheres, o que originou esta fotografia. A jovem patinadora conseguiu, afinal, saltar por cima do homem, o que não deixa de ser perigoso!



A SUGESTIVA LUZ DO SENTIMENTO...

Em França esse país que a tudo dá cor — como escrevera o poeta — o sentimento, que nos domina, o que toca a nossa alma religiosamente sensível a todas emoções, já encontrou forma plástica nas mensagens postais, que assumem duas expressões consoante o que queremos transmitir é alegre ou doloroso. Para o primeiro caso, as flores garridas e as borboletas muticores; para o segundo as folhas mortas que simbolizam o pesar e a saudade.

6 HISTÓRIAS de miudos

1 Francisquinho quer um tambor. Apreensiva a mãe, uma daquelas mães que gostam de fazer todas as vontades aos seus meninos, pensa no barulho que o seu Xiquinho vai fazer com o brinquedo.

— Por que não pedes outra coisa filho? Sabes que depois o papá não poderá escrever.

— Mas, mamã eu só toco quando o papá estiver a dormir.

2 O professor explicara a lei da gravidade e o modo como ela impedia que a gente se desprendesse da Terra. Concluída a exposição, convidou os alunos a fazer perguntas.

— Que nos mantinha na Terra antes de a lei ser aprovada?

3 O papá é severíssimo. Os filhos não podem falar, à mesa. Acabam de servir a salada.

— Papá desculpa mas...

— Papá, escuta...

— Silêncio, Pedrinho! Falarás depois.

O almoço prossegue. Servem o café. Que querias dizer-me?

— Que tinhas um lagarto na salada.

4 O professor: — se quiseres distribuir sete maçãs por três meninos, como procederias?
O aluno: — é mais fácil pô-las na compota.

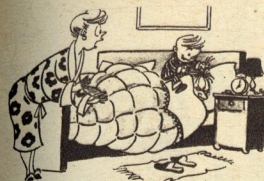
5 Chiquinha, de 4 anos, espera uma irmãzinha e pensa, como todas as meninas da sua idade, que os bebés saem das couves. Depois de uma carícia à mãe, diz-lhe:

— Não saltes tanto para os meus joelhos, que podem magoar a tua irmãzinha.

— Oh! mamã, — grita a garota petrificada — que desgosto! Então tu comeste-a?

6 — Por que choras, meu menino?
— Hi! Hi! O meu avozinho sonhou que era pasteleiro e que comia tudo o que queria: pasteis, bombons, caramelos... Hi, hi!, hi! E disse-me que eu não estava com ele.

PEÇO A PALAVRA!



— Queres deixar dormir o papá, Zéquinha? Hoje é o único domingo em que ele não tem reuniões.



— Proponho que se não se apresentem mais propostas.

A palavra — diz um provérbio chinês — uma vez solta, é um cavalo a galope.

Manifestar a cólera ou o ódio pelas palavras é perigoso, ridículo e imprudente; mas uma palavra dita a tempo, vale por todo um discurso cheio de eloquência e de filosofia.

Só os néscios têm o dom de falar muito e não dizer nada. Mas também uma só palavra causa às vezes muitas desgraças; precursora de consequências gravíssimas, faz a condenação solene daquele que a proferiu...

Observando a velha máxima *ridendo castigat mores* aqui deixamos alguns exemplos para o leitor ajuizar até que ponto a palavra tem propósito ou pode ser inoportuna e infausta.

Atente neles e reconhecerá que o povo tem razão ao dizer que a palavra pode ser de prata mas que o silêncio é de ouro.

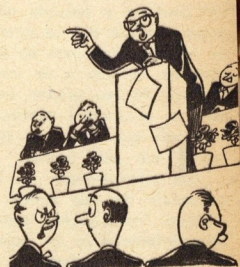


— Mas nós somos conhecidos: não nos vimos pela Páscoa no Congresso dos Anti-alcoólicos?

— Não, com certeza! Nessa ocasião estava eu no congresso dos fabricantes de aguardentes.



— Meus senhores, lamento ter de informá-los de que não há já no país nenhuma terra importante em que ainda não tenhamos efectuado conferências.



— Indecente! Agora tenho de retirar-me da lista dos oradores. Ele antecipou-se precisamente em todos os pontos que eu pretendia esclarecer.



FÁBULA VIVA

As fábulas que nos deram a ler na idade menina adquirem nestes flagrantes uma vivência e uma expressividade encantadoras. Não há dúvida de que os animais que Deus colocou junto de nós existe ainda um código de moral e de justiça inspirado na sua admirável doutrina e baseado no íntimo conhecimento das necessidades e dos caracteres — aquele código de que os homens destruíram ao enveredar pelos ares caminhos do egoísmo e da intemperança, que os hão-de conduzir ao seu próprio extermínio. Ao contrário dos homens, os animais continuam a ter as suas leis de sociologia que fazem da terra o paraíso experimental preconizado pelo Senhor.

Um sábio francês, M. Bouillant, que se consagrou ao estudo da vida animal, no curso das suas muito curiosas investigações tem podido observar que os seres inferiores ao ser humano, se revelam superiores a este nas manifestações de entre-ajuda e solidariedade.

Podíamos citar alguns exemplos; omitimo-los para não ferir as susceptibilidades dos representantes da nossa espécie. E para meditar bastam as duas imagens que se publicam, ilustrações vivas da tese interes-

tíssima, formulada por aquele eminente zoólogo. Há nos cãesinhos os alevantados sentimentos de que se desprendem os homens, maxime desde quando fizeram a Babel e en-surcederam para as vozes dos animais — das fábulas.



Neste número



SORRISOS
À ... BEIRA-RIO

NO HÓQUEI O SEXO FRACO É O ... FORTE !



PARA ESTE
"EGÍPCIO"
NÃO É
"INIMIGO"

N. 6

Preço 1\$50